



Flexibilidade, liberdade e direitos: políticas e práticas de trabalho de mulheres migrantes no polo de fruticultura do Rio São Francisco-PE

Flexibility, liberty and rights: policies and work practices held by migrant women at the orcharding hub of the São Francisco River-Pernambuco

Parry Scott

rparryscott@gmail.com

Doutor em Antropologia Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

Dayse Amâncio dos Santos

dayse_amancio@hotmail.com

Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

RESUMO

Este trabalho discute a lógica de atração de agricultores do sequeiro, bem como de trabalhadores urbanos empobrecidos e em processos de exclusão, ao polo de fruticultura para exportação em Petrolina, Pernambuco. Descreve brevemente a formação histórica do polo de investimento e desenvolvimento com vocação para agricultura irrigada. Depois de caracterizar os fluxos migratórios, enfatiza casos concretos em dois bairros que acolheram na cidade com políticas de habitação e de capacitação, e discute a sua relação com práticas de trabalho familiar. Examina quatro migrantes que fugiram da seca, da pobreza e exclusão urbana. Mostra o direcionamento dos integrantes das famílias migrantes para a preferência por trabalho rural de uma forma que facilita a sua integração nas estratégias de acumulação dos empresários, negociando apoio dos sindicatos. Discute estratégias de pluriatividade de famílias na economia sazonal e não-sazonal, no cuidado e no trabalho, e sua promoção pelos empregadores. Encerra com considerações sobre aspectos de uma sintonia ambígua entre flexibilidade, liberdade e regras nas lógicas familiares e nas políticas de uso de trabalho promovidas pelos empresários e por outros agentes do setor público, promotores de desenvolvimento.

Palavras-chave: Trabalho. Mulher. Migrante. Agricultura Irrigada. Petrolina.

ABSTRACT

This article discusses the logic of attraction of dryland farmers, as well as marginal urban workers, to the fruit cultivation and export development pole in Petrolina, Pernambuco. It makes a short historical description of the development investment pole which emphasizes irrigation agriculture. After characterizing migration flows, it emphasizes concrete cases of two neighborhoods with housing and work skills policies favoring the reception of immigrants in the city and discusses their relation to family work. It examines four migrants who have fled the drought, poverty and urban exclusion. It shows how family integrants are directed to a preference for rural work in a way which favors their integration in the capital accumulation strategies of their entrepreneurial employers, negotiating support from rural syndicates. It discusses family multiple activity strategies in seasonal and non-seasonal work and in care work, and shows how both are promoted by employers. It closes with considerations about the ambiguous tuning between flexibility, freedom and rules in family and employer labor use strategies and their support by other public agents which promote development.

Keywords: Work. Women. Migrants. Irrigation Agriculture. Petrolina.





Introdução

O crescimento demográfico de Petrolina e Juazeiro é repetidamente referido em documentos oficiais, reportagens na mídia e trabalhos de pesquisa, como uma comprovação de uma dinâmica econômica exitosa de um polo de desenvolvimento que se embasa na fruticultura irrigada para exportação. Este polo é representado como um pedaço do sertão nordestino globalizado, onde abundam oportunidades para empresários e trabalhadores. Com a clara vocação de ser o epicentro de um Vale do Rio São Francisco que produz frutas (*in natura*) e derivados (sobretudo vinho), o seu crescimento urbano se atrela plenamente à dinamicidade de uma agricultura com tecnologias múltiplas de manejo de água, graças à construção de barragens ao longo do Rio. Com abundância de sol (como todo o sertão) e de água (como poucos lugares no sertão), a sazonalidade desta agricultura responde mais à tecnologia e às demandas de mercados consumidores distantes do que aos acasos da natureza. As suas empresas, mais sensíveis às regularidades das demandas externas e às maneiras pelas quais são satisfeitas pelos diversos exportadores situados em outros países, organizam as suas atividades numa compreensão explícita do seu lugar em cadeias de produção mundiais. Por diversas maneiras de se organizarem, crescem ao cultivo das frutas as atividades de empacotar, beneficiar e entregar produtos, tornando mais complexas as exigências, tanto sob as empresas quanto sob os trabalhadores. Comprovando a veiculação nacional da imagem, em 2010, Petrolina foi matéria na Revista *Veja*¹ como destaque nacional na geração de empregos. Com o chamativo título “O milagre do São Francisco”, a reportagem destacava as cifras impressionantes da produção da agricultura irrigada, que produz 1 milhão de toneladas de frutas avaliadas em 1,3 bilhão de dólares.

Aproveitando as águas do “maior lago artificial da América do Sul”, e a partir da abertura das comportas da barragem de Sobradinho em 1979, após seis anos de construção, houve uma intensificação da tecnologização da agricultura, orientada pela CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba), que amplia e sofisticada as ações iniciadas pelos seus predecessores institucionais, a Comissão do Vale do Rio São Francisco (CVSF - 1948), e a Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE - 1967). Governos nacionais, estaduais e municipais se aliam a associações, cooperativas e empresas para apoiar os projetos de irrigação. As cidades e a economia urbana crescem obedecendo esta chamada enaltecida de dinamicidade e oportunidades de agricultura de exportação (CAVALCANTI; SILVA, 2004; BONNANO; CAVALCANTI, 2010; SIGAUD, 1986).

O principal promotor e grande *stakeholder* no sucesso da ideia de que a vocação da região é a agricultura irrigada, é a própria CODEVASF que descreve em sua missão:

“A Codevasf é uma empresa pública, vinculada ao Ministério da Integração Nacional, que promove o desenvolvimento e a revitalização das bacias dos rios São Francisco e Parnaíba, com a utilização sustentável dos recursos naturais e estruturação de atividades produtivas para a inclusão econômica e social” (...).

“A Empresa mobiliza investimentos públicos para a construção de obras de infraestrutura, particularmente para a implantação de projetos de irrigação e de aproveitamento racional dos recursos hídricos. É reconhecida principalmente pela implantação de polos de irrigação, a exemplo do Polo Petrolina–Juazeiro” Disponível em: <<http://www.codevasf.gov.br/empresa>>.





Ela mesma prioriza os seus impactos sobre a região:

“Esse desenvolvimento nas regiões de atuação da Empresa é determinado pela incorporação de novas áreas ao processo produtivo e introdução de novas tecnologias e culturas, direcionadas a mercados exportadores e com a implantação de agroindústrias. Isso possibilita melhor aproveitamento da matéria-prima e se constitui em suporte à comercialização e ao crescimento das atividades de comércio e de serviços”.

“O resultado desse trabalho também leva à formação e à consolidação de polos de desenvolvimento regional, a exemplo dos polos de Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) e do Norte de Minas Gerais. Esses polos têm contribuído para o aumento das exportações e da geração de superávits comerciais, através da oferta de produtos nobres e de alto valor comercial”².

Esta vocação “naturalizada” para a fruticultura é construída nos mais mínimos detalhes, sendo extensamente regulamentada pelas exigências de um mercado internacional cujo controle de qualidade preferencialmente abre caminhos para empresas capitalizadas e eficientes, a seguir e aperfeiçoar o exemplo do Projeto Nilo Coelho de agricultura irrigada, que tem servido como parâmetro para muitos sobre como proceder, bem como não proceder.

Tanto investimento planejado atrai muitos trabalhadores. Segundo Pereira (2011), Petrolina e Juazeiro, que tiveram, respectivamente, 61.252 e 61.648 habitantes em 1960, cresceram em 50 anos para 294.081 e 197.984 (em 2010). Ou seja, Petrolina quase quintuplicou (cresceu 4,8 vezes) e Juazeiro triplicou (cresceu 3,2 vezes). O crescimento de Petrolina foi mais constante, e o de Juazeiro ocorreu “em picos”. Na atualidade, o crescimento para ambas as cidades continua acima da média dos estados nos quais se localizam, embora de uma maneira não tão acelerada como anteriormente.

Houve articulação territorial regional para reforçar a vocação de fruticultura (SCOTT, 2013, no prelo). Desde 2001, acrescentando a Petrolina/Juazeiro ao longo do Rio os municípios de Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista e Orocó em Pernambuco e Sobradinho, Casa Nova e Curaçá na Bahia, criou-se a **Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento - RIDE** do Pólo Petrolina/PE e Juazeiro/BA, (Lei Complementar nº 113, de 19 de setembro de 2001, e regulamentada pelo Decreto nº 4.366, de 9 de setembro de 2002). Segundo Pereira:

“A RIDE é [um] arranjo de municípios que permite a interação multiescalar, em razão da presença de dois estados (Bahia e Pernambuco) e a diversidade de municípios envolvidos e a interação multidimensional, formada por relações produtivas, comerciais, saúde e educação. Esta formação permite firmar convênios com os estados de Pernambuco e Bahia, e os referidos municípios” (2011, p. 4).

Com relação à migração na RIDE, para um quinquênio crucial, de 1995 até 2000, Pereira (2011) identificou uma ligeira predominância de mulheres (51,0%), jovens (variando em torno de 26 anos), trabalhadoras com rendas em torno de R\$ 450,00 (mínimo de R\$ 510,00 em 2010), e que mudam de cidades de outros municípios do interior (sobretudo do próprio Pernambuco e Bahia). Dois terços dos migrantes de fora da RIDE para estas cidades são de Bahia e de Pernambuco, e ainda há 11% provenientes de São Paulo. O processo migratório descrito é de acordo com local de residência anterior (e não local de nascimento), o que quer dizer frequentemente que, ampliando a linha de tempo para entender os ciclos de vida das pessoas, muitos destes migrantes percorreram a trajetória área rural > sede de município do interior > cidade de





Petrolina ou Juazeiro. Certamente é uma das trajetórias mais repetidas, onde a migração cidade-cidade representa tanto a culminação de um processo de esvaziamento de áreas rurais distantes da RIDE para residir, quanto a adoção de uma prática de residir nas cidades e trabalhar no campo dentro e fora da RIDE. Algumas táticas de desconcentração de atividades econômicas, como de processamento e empacotamento de produtos agrícolas, podem ter contribuído para o fato que esta região (internamente aos oito municípios da RIDE), contrário à tendência nacional, ainda tenha registrado crescimento nos seus contingentes populacionais rurais.

Voltando para Petrolina, a dinamicidade demográfica, reforçada pela colaboração administrativa capitaneada pela CODEVASF e o governo municipal, continua na atualidade. De 2000 a 2010, Petrolina, entre as dez cidades maiores de Pernambuco, foi a que mais cresceu, acumulando um aumento de 34,77% no período, passando a ter 294.081 habitantes. Neste mesmo período, entre as mesmas dez cidades, as únicas que chegam acima de 20% do crescimento no mesmo período são Caruaru (24,18% - 314.951 habitantes no polo de confecções) e Cabo (21,01% - 185.123 habitantes no polo do complexo portuário-industrial Suape) (SILVEIRA NETO; ALBUQUERQUE LINS, 2014).

Num estudo que antecede as datas de referência de Silveira Neto e Albuquerque Lins, Melo e Fischer (1996) mostraram que o crescimento intenso de Petrolina e Juazeiro implicou também na multiplicação de bairros populares de trabalhadores, muitos dos quais com famílias que não auferem um salário mínimo completo. A administração pública da cidade, em apoio ao projeto de CODEVASF, historicamente barateia espaços de autoconstrução ajudada pela periferia urbana, a exemplo de São Gonçalo e de João de Deus, dois bairros estudados pela nossa equipe³ que tiveram apoio da prefeitura para a construção das casas em áreas de ocupação na periferia de Petrolina.

No período de fevereiro de 2012, em função da pesquisa sobre gravidez na adolescência, conversamos com idealizadores e administradores-chaves de muitos programas de desenvolvimento e atendimento no polo, e ainda mais importante, como vinte e quatro mulheres, selecionadas por serem ou jovens que engravidaram antes de ter 19 anos (16 jovens mães), ou por serem mães de jovens que engravidaram nessa faixa (ou seja, oito jovens avós). Neste trabalho, damos destaque às trajetórias contadas por estas últimas, jovens avós, particularmente marcadas pela exigência de articular estratégias de migração e de trabalho, levando em conta as particularidades que as altas demandas de cuidado para dependentes nos arranjos familiares em que se encontravam. Hirata (2009), e os autores em Hirata e Guimarães (2012), relatam sobre como o cuidado de dependentes é vivido diferentemente por mulheres que trabalham, exigindo uma articulação familiar entre trabalhos assalariados, trabalhos domésticos, trabalhos temporários, trabalhos permanentes, trabalhos na cidade e trabalhos no campo, e a isso se deve acrescentar inserção em programas associados à política de transferência de renda para os mais necessitados. É uma pluriatividade exigida, ora facilitada, ora dificultada, pelas condições de reprodução e cuidado assumidas por estas mulheres que tanto relatam sobre as suas experiências quando jovens e sobre como chegaram aos bairros de São Gonçalo e João de Deus, quanto sobre as maneiras pelas quais lidam com as decisões provocadas pelo fato de ativamente estarem administrando (ver SCOTT, 2011 [1990]) as relações com famílias de origem, com parceiros e maridos, com filhos e filhas jovens “crescidos”, bem como com a presença de netos. Através das histórias de quatro avós, migrantes para dois bairros populares de Petrolina, procura-se entender como as concepções destas jovens senhoras e a elaboração das suas estratégias familiares de trabalho e de vida afetiva se relacionam com a construção de uma vocação hegemônica da fruticultura irrigada.



Quatro migrantes, avós jovens em Petrolina

Profissionais e agentes de saúde da Estratégia de Saúde da Família em São Gonçalo e João de Deus guiaram eficientemente a equipe de pesquisa para conversas com famílias com adolescentes que engravidaram, para que pudessemos falar ou com as avós ou com as jovens mães. Conversaram sobre as dificuldades com drogas, álcool e desinteresse em trabalho e estudo de muitos jovens, bem como com uso adequado de meios contraceptivos nestes bairros. Frisaram que a imagem do bairro no passado era pior, pois inicialmente eram taxados de violentos e desordeiros (por exemplo, João de Deus era apelidado de João do Tiro), mas hoje em dia, ainda sofrendo de alguma precariedade de serviços públicos e da presença de ‘maloqueiros’, abrigam uma multiplicidade de famílias de trabalhadores de variadas atividades econômicas, religiões e dedicação aos estudos. Relatam uma história, confirmada por administradores de instituições governamentais, de ter havido um estímulo de invasão das áreas em lotes para abrigar migrantes fugindo da seca ou desempregados, para que os migrantes mesmos assumissem as despesas de autoconstrução residencial, depois chegando a ser territorialmente regulado e regimentado pelo governo a um custo menor de que se o governo tivesse construído casas. Dessa forma, o bairro encheu de migrantes que trabalhavam na agricultura e que realizavam diversos serviços na cidade sem terem implicado em despesas altas para a cidade. Agora são bairros populares de baixa renda, bem estabelecidos. A assistência é do governo, e não das firmas empregadoras, e a atuação de sindicatos e associações, mesmo se importante para regimentar as suas condições de trabalho, é pouco expressiva no cotidiano do bairro.

Nos quatro relatos elaborados a partir das gravações das entrevistas com avós jovens, preserva-se, no máximo possível, as formas de expressarem-se das mulheres, apenas fazendo pequenos comentários contextualizados. Os relatos, relativamente extensos, foram organizados para contar, sucessivamente: a) a experiência de migração, b) as relações afetivas familiares e estratégias de colaboração, e c) o envolvimento no trabalho e na busca de renda e direitos. A ideia é de compreender a individualidade tão singular de cada experiência, bem como ver os pontos de interseção com as políticas de criação de vocações para o envolvimento na agricultura. Na parte final abordará novamente estes três pontos.

Silmara⁴

Com 39 anos, Silmara mora numa casa de aluguel em São Gonçalo, rodeada por boa parte dos seus sete filhos e um neto que nasceu quando a sua filha, Sandrinha, tinha treze anos, e agora, com mais três netos dos outros filhos. Quando não co-residem, moram todos próximos um ao outro. Ela começa a sua história recordando a sua infância num sítio em Piauí, onde nasceu:

“Nasci lá perto de São João de Piauí. Eu gosto de lá. Lá é um lugar bom. O ruim é que é seco, não tem água. É difícil as coisas lá. A pessoa vive um dia de serviço, sim, sabe, mas não tem água e não tem inverno o ano todo. Trabalhava na roça catando feijão, plantando milho, feijão essas coisas, na roça do meu pai. Era bom, e ao mesmo tempo não era tão bom. Era bom porque eu morar mais meu pai e minha mãe era muito bom, aquele trabalho quando tava chovendo. Tinha chuva, tinha inverno. A gente plantava o milho, plantava o feijão e criava o bichinho, mas, assim, por um lado, não era bom aquele sufoco quando não tinha chuva! Era aquele sufoco. Tinha que carregar água de longe. Era aquele sufoco.

033

vivência43
REVISTA DE ANTROPOLOGIA





[O contexto da migração] Eu sempre tive vontade de sair de lá, por que lá era assim um lugar difícil de tudo. Ai minha irmã mora aqui em Petrolina, meus irmãos moram em São Paulo. Éramos sete, só que eram cinco homens, e nós duas. Ai os meninos foram tudo embora para São Paulo. Minha irmã veio pra cá e só ficou eu dentro de casa. Ficou meu pai e minha mãe dentro de casa. Ai, se eu fosse eles iam ficar sozinhos. Meus irmãos mandavam dinheiro de São Paulo pra ele, e ele pagava uma pessoa pra trabalhar, mas eu não ia deixar meus pais só. Eu sempre ficava lá, ajudava, fazia tudo em casa de manhã para meio dia, quando não tava estudando tava na roça, era assim. Mas eu sempre tive vontade de morar em Petrolina, sempre tive vontade de vir para cá. Meus pais, eles não tinham condição de me dar, eu já tava uma moça já tinha dezoito, dezenove anos. Eu pedi: 'pai, deixa eu ir para Petrolina, preciso trabalhar e resolver minhas coisas.' Ele ficou assim, até que ele entendeu que ele não tinha condição de dar o que eu precisava. Minha mãe conversou com ele, e ele concordou. Ai eu vim para cá mais uma prima minha que me trouxe. Vim trabalhar aqui, comecei a trabalhar aqui. Conheci meu marido e a gente casou. Vim com uma prima minha, mas minha irmã já morava aqui. Trabalhava durante o dia em casa de família e dormia na casa da minha irmã depois. Foi rapidinho eu vim de lá do Piauí e no mesmo ano, já com dezenove anos, fiquei trabalhando e com pouquinho tempo que cheguei eu conheci meu marido e casei com dezenove anos”.

“Depois que eu casei aqui em Petrolina, fiquei dois anos aqui. Ai fui pra São Paulo passei três anos lá e voltei de novo pra aqui. Eu tive a minha filha em Casa Nova. Dentro desse tempo, eu engravidei aqui e fui pra casa de meu pai lá no Piauí. Fiquei lá quando foi tempo pra mim ter minha filha ... Eu acho que tava grávida de uns três ou quarto mês. Fiquei lá uns seis mês. Tive ela e vim pra Casa Nova na Bahia. Tive ela em Casa Nova e voltei pra casa de meu pai de novo, um mês e pouco. Ai, fui pra São Paulo. Meus irmãos sempre vinham no mês de outubro, ai quando iam voltar, chamaram meu marido pra ir. 'Sabe como é uma boa ideia, eu vou'. A gente foi. Meu pai ajeitou, e eu levei minha menina mais velha. Meu marido foi junto. Ele gostou um pouco, mas lá é um lugar muito frio e a gente não se deu lá não. Trabalhei pouco tempo. Trabalhei na roça também catando cana, na cidade de Serrana. Fica pra lá de Ribeirão Preto um pouco. O que mais tem lá, e o que eu mais vi lá, é cana. Trabalhei muito catando. O trator passava carregando aqueles pedaços que a gente ia catando e fazendo um monte e o trator vinha. Os pegava e jogava em cima daqueles carros. Lá em casa, na casa do meu pai, eu trabalhava, mas não era obrigado ta todo o dia, e lá em casa eu podia trabalhar um pouco e eu parava. Lá [em Serrana] não, quando sai para trabalhar tinha que ser o dia todo. Só parava para almoçar”.

“Aqui em Petrolina eu trabalhava na casa de Dra. Margarida, e meu marido trabalhava de porteiro de condomínio pegado a casa da Dra. Margarida. Eu e mais duas na casa dela, uma fazia a comida, a outra arrumava a casa e eu ajudava ela arrumar a casa”.

“[Motivações para vir para Petrolina] Eu pensava assim, que eu ia ter uma casa boa pra mim morar num lugar que eu gostava em Petrolina, um lugar que eu sempre tive vontade de morar. Um dia quando eu sair da casa do meu pai eu vou trabalhar pra mim conseguir alguma coisa na vida! Só que Deus não quis assim, mas a gente tem que se conformar. Eu moro de aluguel até hoje. Petrolina mudou pra melhor, atendimento de saúde, trabalho, bicos - numas coisas mudou pra melhor. Noutras não, porque a gente vê cada coisa, tanta malandragem, tanta coisa errada. Essas drogas que destrói as vidas das pessoas, essa vagabundagem. É muita gente sem futuro. Muita gente que não é feliz e não quer ver ninguém ser feliz, aqui tem muito essas coisas. Aqui é bom se não fosse essas coisas”.





“[Sobre o trabalho na agricultura irrigada] Eu trabalho na área de roça, eu trabalho com uva com essas coisas... colhendo, fazendo a limpeza nos cachos, muito bom. Têm muitas, muitas mulheres. A gente sai cinco horas, seis horas da manhã. É bom, a gente vai trabalhar colhendo, quando é meio dia a gente para pra almoço. Quando é uma hora ou duas horas, a gente volta. Começa de novo e para às cinco horas. Tinha muito desemprego e esse negócio de uva era muito mais pouco antigamente. Assim que eu comecei vim pra cá. Eu trabalhei catando acerola. Teve esse negócio de irrigação, mas foi aumentando foi aparecendo mais esse projeto, ai foi bom, foi muito bom. A gente, quando é fichada a gente sempre vai pro lugar só. Mas avulso, a gente trabalha hoje numa roça, amanhã a gente vai em outra, depois de amanhã a gente vai pra outra, ficha por três ou seis meses”.

“[Cuidados com a família] Quando o neto nasceu, era difícil trabalhar. Às vezes eu ia ajudar, eu lavava roupa, eu dava um banho eu passava o pano na casa, eu fazia comida também depois eu comecei a trabalhar aí já foi o tempo já. Me preocupei ainda com as amizades dela e a escola, ela já com filho!”.

Janacléia

Janacléia tem 47 anos e quatro filhos. Veio novinha do interior de Pernambuco para Petrolina para trabalhar com a família. Os pais dela trabalhavam numa roça “de aluguel” e tiveram 11 filhos. Ela mesma teve filha com quinze anos já em Petrolina na casa onde trabalhava em serviços domésticos, e ganhou neto quando a sua única filha mulher tinha treze anos. Ela mora em casa própria e estava adoentada com dores no braço que impediam que trabalhasse, inclusive para fazer doce que preparava para vender. A bolsa família é que estava sendo importante para o sustento da família. A filha ficou grávida do seu primeiro filho com um homem que era solteiro e trabalhava fichado, mas que não queria reconhecer o filho porque está vivendo com outra mulher. Janacléia assumiu o neto como sendo dela. Esta filha já tem outro filho com um novo marido, e Janacléia tem orgulho de ter conseguido a inclusão no programa de leite para os seus netos e a creche para o neto mais velho, porque é ‘uma luta conseguir vaga’. Ainda explica que, quando a filha engravidou uma segunda vez, durante um contrato de trabalho, ela recebeu direito a três meio salários-mínimos, e isto foi importante para o sustento da família.

“[Local de origem, família e trabalho] Nasci em Minas Gerais, eu morava com meus pais lá. Aí nós viemos embora pra Ipubi. Me batizei em Serra Branca de Ipubi. Eu comecei a trabalhar tinha oito anos de idade. Olhando menino. Comecei, me criei, bem dizer, numa casa de família, trabalhando. Moro aqui com o meu marido, o meu netinho e os dois rapazes. A mãe desse neto que eu crio tava gestante, teve um bebezinho agora, e eu que corri atrás de ajeitar as coisinhas pro bebê. Tudo fui eu, Janacléia. [A filha] Mora aqui ao lado, numa casinha. Mora com o marido dela lá, mas tá parado... [Sobre o cuidado com os próprios filhos. O primeiro filho]. Esse rapaz me deu tanto trabalho pra criar ele. Aí, trabalhando grávida... Só não passava pano na casa, sabe? Trabalhava em casa de família pra comprar as coisas pra ele, sabe? O pai não dava nada. Ele me deixou por outra. Ele me abandonou. Foi embora lá pra Juazeiro com a outra. Eu ainda dei uns cacetes na outra lá! Eu dei, e foi meio mundo de bagunça. Eu já tava com oito meses de gravidez e ele disse: ‘vá pra casa, depois nós conversa, eu não quero briga aqui não.’ Ele trançou a dona lá dentro do apartamento, naqueles apartamentos de Juazeiro. Pois fui lá, quebrei o gravador dele todinho, que tava lá, menina, quebrei tudo lá dentro. Ele só fez registrar o menino no nome dele e

035

vivência43
REVISTA DE ANTROPOLOGIA





pronto. Ai mataram ele. Ele vivia com outra mulher lá, não era mais eu. Mas ele trabalhava fichado, era para ajeitar a aposentadoria, mas meu pai não deixou ir, e a família dele com a outra mulher recebeu tudo”.

“[Sobre a gravidez da filha] Aí a minha filha arrumou esse menino e não tinha condições de criar. Aí eu levo pra o posto de saúde, pra médico, pra tudo. Eu crio esse netinho, ele só vivia doente e eu era mais no hospital do que em casa quando ele era pequeno, doente, cansado, gripado tudo é eu. Eu crio desde novinho, quem dá as coisas é eu. Ela não tem condições, já tem outro aí. Taí com um marido. Não tem sorte com marido. Taí dentro de casa parado e já tá daquele jeito também, né? Aí só sobra pra mim, porque a pessoa quando vê os filhos parado não vai jogar no mato, a mãe tem que acolher, né?”

“Ele tava trabalhando fichado, aí ela ligou. Morava lá no outro bairro, e chorando lá disse que tinha quebrado as coisinhas dela lá. Ligou pro irmão. Aí eu fui e arrumei 20 reais. Paguei o homem do carro pra ir buscar as coisas dela. Ficou aqui a gravidez todinha e eu disse: você não vai morar mais lá não, porque o pai dela disse – ‘se você judiar com ela eu vou buscar você debaixo da saia de sua mãe’. Aí fomos buscar ela lá. Ele quebrou tudo as coisas dela. Ela voltou para morar aqui do lado com ele porque ele veio atrás. Ela disse que para lá não ia, e eu também não ia deixar, se quisesse morar era aqui. Agora, com o dinheiro que ela recebeu, comprou a geladeira e uma televisãozinha. Dinheiro do salário maternidade, que ela trabalha nos contratos na roça, ela ta recebendo. Depois que teve filho ela mudou, porque antes ela só vivia na festa. Amanhecia o dia na festa bebendo mais os outros. Agora não sai mais pra canto nenhum”.

“[Sobre o trabalho dos outros filhos] Os meus filhos trabalham descarregando caminhão, também lá no depósito de veneno, de adubo para as fazendas. O que mora comigo trabalha avulso, fazendo experiência”.

Salete

Salete, com 41 anos, depois de uma infância atribulada por causa de inundações provocadas no Rio São Francisco, tem duas filhas e uma casa própria em São Gonçalo e fez um quarto, cozinha e banheiro separados para a filha e seu parceiro que vão ter filho nos próximos meses. Porém, Salete terminou expulsando o genro por ele ser desinteressado em trabalho e por ter agredido a filha dela grávida. Ela tem saudades das amigas saudáveis da vizinhança quando era menina e brincava perto da casa onde foi criada, e relata diversos empregos nos quais ela sempre foi tratada como pessoa de confiança dos seus patrões e empregadores. Com este conhecimento de patrões ela busca aperfeiçoar o seu conhecimento sobre formas de receber apoio e de inserir-se a si mesma e às suas filhas em programas do governo que possam assegurar renda. Ela é vista na comunidade com baluarte da educação religiosa batista e muitas a chama simplesmente pela designação de “irmã.”

“[Sobre as origens e migração] Nasci em Pilão Arcado, mas não conheço nada lá. Eu fui criada na Areia Branca. Depois morei um tempo no centro de Petrolina antes de vir pra aqui. Os meus pais viviam de roça e moravam em Pilão Arcado. Pra que a gente pudesse estudar, ai eu vim morar em Areia Branca com a minha avó. Eu vim novinha. Já tinha morado perto do Chico [Rio São Francisco] com as barragens e tal. Eu só nasci lá e eu tinha uns 3 ou 4 anos na época da barragem. Inundou e a gente foi morar em Xique Xique na cidade. Eu comecei a trabalhar

036

vivência43
REVISTA DE ANTROPOLOGIA

n. 43 | 2014 | p. 29-46





muito cedo e fui pra escola já tarde por conta dessa vida de muda, se-para, essa coisa toda. Quando a gente foi pra Xique Xique, de repente o rio deu uma alteração aí descontrolada. Inundou onde a gente morava e levou a casa. Então, a gente ficou sem estudar esse ano, começou e não terminou. Aí viemos pra nossa terra natal, Pilão Arcado. Ficamos lá perambulando porque já não tinha mais nada, nem casa e nem roça mais na época. A gente sofreu muito. E a gente era muito pequeno, minha mãe grávida. Foi muito complicado. Ficamos mais esse ano sem estudar. Depois acalmou e a gente foi se localizar na cidade em casa de aluguel, que a gente tinha condição. A roça era boa de ilha. Antes da enchente, meu pai, assim, na época, vivia muito bem. Tinha a roça e os bois dele, os bichinhos dele de roça, aquelas ovelhas, tudo. Ele muito trabalhador e tudo, agora imagina a cabeça dele como ficou? Desequilibrado, né? Totalmente. Um bando de filho pequeno sem casa, sem nada, só com a roupa do corpo, que a gente veio pra casa do meu avô, com a roupa da viagem. Imagine? Quando a gente ia retornar, nem chegamos a retornar ai já ouvia no rádio que tinha levado tudo. Vige, meu Deus!”

“Na verdade eu morei uns três anos com a minha avó e depois fui morar com outra família que terminou de me criar, e eu já sabia que eu não queria a vida da roça. Morei dos 12 até eu me casar, até os 20 anos e trabalhava numa padaria. Aí, eu me casei, e pra facilitar a vida por causa do trabalho atendendo num restaurante e dependência de ônibus na época, fui morar no Centro. Meu patrão me deu a casa de junto do trabalho por conta de transporte porque chegava atrasada e tal. Depois construí aqui e desde então vim morar aqui [em São Gonçalo]”.

“[Vida familiar e criação de filhos] Eu nova, pedia, nunca sai sem permissão. Nunca, nunca, nunca. E a minha filha também não. Mas uma vez fugiu pra casa de uma amiga em Juazeiro, que eu tenho pavor a Juazeiro, eu nem conheço Juazeiro. Acho que nunca mais na vida dela ela tem coragem mais não, porque o castigo que eu dei... mas tirando disso. Agora assim, o negócio dela é aqui de amizade, esse negócio de namorinho. Como eu trabalho dia e noite e sou separada, ela ai sozinha. Quando o pai dela tava em casa ela era pequenininha, mas eu criei sozinha desde 4 anos. Ele não é aquele pai exemplar, não, não é. Mas quando ficou com a gente aqui ele era um pai muito presente, assim em tudo! Um pai maravilhoso, mas quando separa a gente sabe que nunca fica a mesma coisa, dificilmente. Tem que ter uma cabeça muito boa pra continuar sendo. E ele não é realmente. Ele mora na Areia Branca hoje, está casado novamente e elas vão pra lá e ele raríssimas vezes vem pra cá. Elas que vão pra lá. Na época da minha separação eu fiquei muito revoltada, eu com elas duas pequenas, desempregada da empresa Nova Fronteira, grande exportadora de frutas que faliu, e recebendo o seguro, mas minha vida era muito equilibrada porque ele era muito bom. Ele era assim um grande marido, assim dedicado, e eu jamais imaginava que ele um dia ia se envolver com alguém. Aí, eu descobri. Eu dizia o tempo todo que meu pai foi muito assim com a minha mãe, minha mãe sofreu muito com relação à traição. Aí foi, [o ex-marido] se envolveu com uma mulher vagabunda mesmo, prostituta. Ele trabalhava no CEAPE⁵, no mercado de frutas. O CEAPE adora ter mulheres de programa, essas coisas. Ai lá ele se envolveu com essa menina e ela engravidou, sabe lá Deus se era dele ou não! Eu sei que eu exigi que ele assumisse a criança. Essa mulher, com certeza ele quer ver o Diabo, mas não quer ver ela não! Essa ai só fez besteira na vida dele e na minha, né? Aí ela deu o desfecho nele porque ele não queria dar pensão alimentícia, não queria assumir a criança. Aí ela foi, botou na justiça, e eu recebi a carta em primeira mão”.

“[Trabalho e cuidado dos filhos] Como eu trabalhava, precisava de alguém para cuidar das minhas filhas. Por 6 anos estive com uma menina





maravilhosa, mas aí ela era pequenininha, quando ela veio, ela tinha 12 anos. Não tinha nem 13 completos! Uma menina muito boa, muito obediente. Aí depois ela cresceu chegou à idade de trabalhar e eu dei a maior força porque ela tinha que fazer a vida dela, não é? Eu não tinha condições de pagar um salário a ela com carteira assinada, eu nunca tive, não é? E ela tinha que fazer a vida dela. Aí ela disse “eu preciso trabalhar, ganhar um salário mesmo” porque eu pagava a ela mixaria, um agrado de 10 reais, porque ela veio mesmo pra estudar, aí, eu comprava roupa, né? Ajeitava ela. No fim, ela lucrava mais do que se ela fosse trabalhar e pagar aluguel e tudo. Eu gosto muito dela, como se fosse outra filha. Saiu para trabalhar com carteira assinada. Já morou outra comigo. É sempre assim, tem sempre alguém morando comigo. Só deixei quando as minhas filhas ficaram grandinhas, e então esta [filha] ficou muito à vontade, começou a namorar com esse menino escondido, um adolescente assim que nem ela!”

Depois de muito desgosto com a falta de vontade do parceiro da filha de trabalhar, com a dedicação dele à academia e ao corpo, sempre faltando a um trabalho avulso na roça que ele disse que tinha, mas que vivia sem ir, e finalmente com o comportamento agressivo dele de empurrar ela quando estava grávida, Salete o expulsou do quarto que tinha arrumado para os dois e vive tentando redirecionar a filha, dando apoio para a sua participação no programa jovem aprendiz. Ela disse:

“Menor aprendiz é um projeto do governo com as firmas, pra dar oportunidade às crianças menores a estudar e trabalhar só meio expediente. E o meu interesse maior é porque ela aprende. E pra ela ver o mundo lá fora, pra ela ver as dificuldades e aprender a valorizar e ela analisar o que ela está passando. Por isso, que eu botei mais”.

“[Agricultura irrigada em Petrolina] Com a agricultura irrigada, com certeza Petrolina hoje, eu não digo nem hoje, mas há muito tempo, que talvez as pessoas nem conheçam isso, talvez não tenham nem conhecimento profundo assim como eu que convivo muito com a sociedade trabalhando em lugar só com social é que eu conheço muito, mas porque aqui tem uma história muito bonita com Petrolina. Esse ano não, porque a agricultura esse ano está muito fraca. Os grandes produtores são os que dão a maior geração de emprego, não é? O que acontece? Eles estão com muita dificuldade e perderam muito. A agricultura hoje está precária, mas eu diria que Petrolina em si, com a riqueza que tem, é a agricultura. E agora esse ano eu não sei como vai ser porque a agricultura está muito fraca. O mercado de exportação não está aceitando muita fruta, qualidade baixa. Tá mesmo complicado. Eles perderam muito e estão com muita dificuldade. Eu não sei como é que eles vão levantar, mas tudo isso em agradecimento aos Coelhos, aos velhos Coelhos que trouxeram tudo que tem em Petrolina. Tudo de bom que teve em Petrolina foram os Coelhos. E daí que esse negócio de agricultura gera emprego e não é pouco, porque tem reconhecimento. Quem tiver conhecimento nessa área de enologia e vinícola vai ganhar muito dinheiro, porque está se estendendo. Quem diria que num sertão desse ia dar vinho, ia dar uma boa pra vinho não é?”

038

Suely

Suely, natural de Marília, São Paulo, filha de criação, a mais nova de uma família com cinco filhos. Ela está com 38 anos, teve uma filha aos 18 anos. Tem outra filha adolescente que ela chama de “banda voou”, e agora está com outra filha de apenas três meses que apareceu pouco depois que o

vivência43
REVISTA DE ANTROPOLOGIA

n. 43 | 2014 | p. 29-46





médico pediu para ela suspender os anticoncepcionais para tratar uma infecção urinária e colesterol alto. Reside numa casa espaçosa cedida pela sogra. A casa está quase sem mobília, tem uma cama, rede e alguns tamboretos, e passa muito tempo cuidando do marido alcoólatra que estava numa recuperação de um período de sofrimento físico e mental agudo e com sinais de hepatite. A filha mais velha, 18 anos, está grávida, é casada com um pedreiro um pouco mais velho que ela e vai descansar logo depois do próximo aniversário.

“[migração] Casei com um homem de Petrolina e vim embora de São Paulo. Lá em São Paulo era bom, porque, assim, eu estava no meio do meu povo, né? Era bom demais! Agora aqui eu já me sinto mais recuada, porque aqui não tem ninguém meu. Aqui só tem minha filha e ele por mim”.

“[Família de origem] Pai eu não tenho não. Meu pai morreu, minha mãe morreu e eu nem conheci. Aí disseram que meu pai fazia a feira pra dentro de casa e a minha mãe pegava a feira, vendia tudinho pra tomar de cachaça! A minha tia que me criou. Então, eu acho assim: por eu não ser filha deles, eles judiavam muito de mim. Judiavam demais. Tinha vezes que quando eu tava, assim, dormindo, eu acordava apanhando. Em São Paulo, meus pais de criação me prendiam demais! Aí arrumei um namorado, um danado de um namorado, eu com 12 anos. Sabe o que eu fazia? Quando todo mundo tava dormindo eu pulava a janela e me mandava pra encontrar com o namorado. Uma vez a minha mãe acordou e eu não estava em casa. Aí, a pisa foi grande. Quando foi de noite eu fui pra escola e desse dia que fui pra escola não voltei pra casa. Eu fugi com medo de apanhar de novo. No outro dia, meu irmão me achou e me levou pra casa pelos cabelos, me batendo na rua. Aí desse dia pra cá me tiraram da escola. Tava fazendo a 5ª série. Vim começar a estudar agora, o ano passado”.

“[Vida conjugal] Foi lá na capital [São Paulo] que eu conheci ele [o meu marido]. Ele era borracheiro, e aqui é ajudante geral. São Paulo é mil vezes melhor do que aqui. Se eu pudesse, eu estaria em São Paulo. Quando eu conheci o pai dela, já peguei e me juntei logo pra sair do sofrimento. Mas, quando eu pensei que eu ia saindo do sofrimento entrei em outro pior, porque o pai dela bebe. É aquele dismantelo, sabe? Agora não, porque ele tá uns dias sem beber. Porque ele adoeceu, aí tá tomando uns remédios, tá sem beber. Mas, ele ficou foi 2 meses agora bebendo dia e noite sem parar. Quando bebe, é agressivo. Eu tenho que sair de casa, porque se eu ficar em casa ele quer bater, quer quebrar as coisas. Aí eu pego e sempre saio de casa. Em São Paulo, ele bebia, sabe? Mas, ele não fazia comigo o que ele faz aqui. Mas, por quê? Porque lá tem a minha família. E aqui, ele tem [família]. A mãe dele mora aqui. Os irmãos... Tudo aí. Tudo é bem pertinho. Tudo aí... ! A mãe mesmo, quando ele tá aí dando... A mãe diz que ele bebe assim por causa de mim. Que a culpada sou eu. Mas não! Quando eu conheci ele, ele já bebia. Ele sempre bebeu. Ele fica falando, fica dando de homem pra mim. Fica abusando. Quer vir em cima de mim e quebrar minhas coisas. Que as coisas que eu consegui aqui, fui tudo eu. É que aqui não tem mais, porque ele vende. Ele acaba com tudo vendendo”.

“[Filhas adolescentes] Tive a minha primeira filha em São Paulo. Ela é menina tranquila. É calma, não dá trabalho, nunca me deu trabalho. Uma menina muito prestativa, ela. Parou de estudar esse ano porque casou e engravidou. É diferente que a minha filha banda voou que é meia destrambelhada. É tanto que eu mandei ela pra Juazeiro agora pra ver se ela sai das amigadas que ela tá”.





“[Trabalho e família] Eu deixei de estudar por causa de minha novinha de três meses. Recomecei de novo há um ano e meio. Também eu trabalho por contrato na roça, com uva e com manga, mas este ano eu não vou pela mesma razão. Então, trabalho tá ruim. Ele mesmo [o marido] começou a trabalhar agora, segunda-feira, descarregando caminhão. E eu só não fui trabalhar por causa dela. A firma já chamou para ralear. Porque senão, já era pra estar trabalhando já. Eu passo seis meses trabalhando e seis meses parada. Mas, esse tempo que eu tô parada, eu não fico parada. Eu lavo uma roupa, eu faço uma faxina, vou trabalhar na casa de família... Pra não ficar parada, né? Trabalho em casa de família, mas não gosto de trabalhar com gente assim, muito exigente. E o trabalho de ralear é bom demais. O fiscal chega ali e fala assim ó: “Vocês têm que fazer isso”. Ele explica, a gente presta atenção, a gente faz ali e fala: “Tá bom assim? É assim?”. “É!”. Ele some. Quando ele vem aparecer é na hora do almoço: “Oi pessoal! Parar. Vamos almoçar!”. Aí nós vai. Nós vai, almoça, volta. Nós só vê ele na hora de ir embora. Tem que fazer a da casa, né? 600 cachos. Você fez 600 cachos, passou de 600, o que fizer é seu. Eles mesmos falam: “Ó, vai ter a contadora, mas vocês trazem um caderno e uma caneta. Pra vocês também marcarem. No final do dia a gente vê se vai bater com a conta de vocês. Nos seis meses tem banco de hora. 15 dias de folga. Fica em casa. Aí quando começa o trabalho, você tem que trabalhar 15 sábados para pagar esses 15 dias. Agora vou tirar até o salário maternidade. Dei entrada agora, semana passada. Tem direito a seguro. Só não tirei o seguro, porque o seguro lá só paga depois de 9 meses. Mas, tem direito a FGTS, ao salário-família, eu tive direito; maternidade, a conta tudo certinho, paga tudo certinho. Aí quando começa a safra de novo eu corro pra roça. Vou para Chapéu de Palha. Chapéu de Palha é assim: eles pagam metade de um salário. Aí inventam um curso. Você faz durante 6 meses o curso... Não! 3 meses... É. Depois que você sai da fila. Aí dá entrada. Em dezembro que dá entrada. Aí faz até quando você é aprovada, faz o curso até abril, maio por aí. Nisso aí, vai recebendo meio salário. É. Pelo menos nisso daí o Governo inventou uma coisa boa, né? Agora o povo não quer mais parar e ficar sem trabalhar pelo menos um mês na roça! Porque trabalhando um mês já tem direito ao Chapéu de Palha. O curso é dia de sábado, pode trabalhar em outras coisas. Porque o ano passado era todo dia durante a semana e na escola. Mas, só que aí tava atrapalhando os alunos, e muita gente não ia porque tava trabalhando. Aí esse ano, eles deixaram dia de sábado, porque as escolas estão desocupadas e muita gente não tá trabalhando. Aí foi bom esse ano”.

Migração, família, trabalho: uma liberdade regradada

Migrantes para Petrolina e Juazeiro são de uma diversidade marcada. Conversar com avós jovens de dois bairros populares estabelece um recorte selecionado que favorece trabalhadores e que favorece pessoas que, mesmo tendo entre trinta e quarenta anos, já possuem uma longa trajetória de administrar a vida de família e de trabalho numa realidade associada a migrações e contextos urbanos e rurais diversificados. Permite captar informações que complementam as caracterizações de migrações de Silveira Neto e Albuquerque Lins (2011), Pereira e Carmo (2010) e Pereira (2011). Sem negar a continuidade de um processo histórico de migrações de áreas rurais para a cidade (DURHAM, 1973; CARVALHO, 2003; MELO, FISCHER, 1996; ALVES, 2006), as mulheres ouvidas viveram trajetórias que incluíram outras cidades nas suas perambulações ocasionadas por secas, por inundações, por barragens, por precárias condições em outras cidades, e por vontade de reunificar-se com parentes próprios ou dos parceiros. A complementação do método que o Censo permite, de usar o lugar do nascimento ou o lugar de residência há cinco





anos, recheia de significação as experiências de mobilidade destas mulheres, e desafia a simplificação de migrações rural-urbanas ou interurbanas. O estudo intergeracional de Alves, sobre mobilidade no Projeto Nilo Coelho mostra as sucessivas adaptações de migrantes a condições de trabalho no projeto parâmetro da região e alerta para modificações no aproveitamento de contextos diferentes, visando preservar-se na fruticultura irrigada, por causa da aplicação da legislação que permita a exportação da produção, bem como por causa da busca de uma maior multiplicidade de tipos de atividades, inclusive urbanas, na geração mais recente (ALVES, 2006).

Na experiência de Silmara em São Paulo, morar na cidade não queria dizer deixar de ser trabalhadora rural. Na experiência de Suely, deixar São Paulo era livrar-se de uma penúria e de maus-tratos durante a sua vivência na sua condição de ser filha de criação, da região que ela ainda representa de uma forma muito positiva, para viver um isolamento dentro de uma nova rede de parentes que mal a aceita. Neste caminho, ela se torna uma experiente trabalhadora rural, com pelo menos dez contratos trabalhados nas empresas de fruticultura. Janacléia é de uma família de trabalhadores rurais que precisou recorrer à roça de aluguel, mesmo morando numa pequena cidade no interior de Pernambuco. Ela somente fala de experiência de trabalho em casas de família quando era jovem. Uma vez em Petrolina, além de trabalhar em casa de família, fabrica doces, ela se dedica muito esporadicamente, apenas quando as condições de casa permitiam ou exigiam. Mesmo assim, seus filhos trabalham no transporte de adubo para os campos irrigados.

Já Salete, lembra-se da fatura de agricultor e criador que seu pai viu ser destruído por obras hídricas (barragens e inundações). Por isso, ela definiu um destino próprio longe da roça, procurando educação e empregos de confiança da elite local em Petrolina, e hoje em dia, ouvindo-a falar sobre a importância e a potencialidade da agricultura em Petrolândia, não cabe dúvida de que ela seja uma defensora ardente da agricultura de exportação. Ela combina isso com uma valorização forte da educação e da moralidade combinada de família da roça e de evangélica batista. Foi braço direito de confiança da administração de uma grande exportadora de fruta que faliu, e mesmo que ela não se dedique ao trabalho rural, o seu primeiro casamento foi com um homem “pai maravilhoso” que trabalhava numa função técnica no apoio aos pequenos empresários rurais. Vindo para a cidade de Petrolina, ninguém simplesmente fugiu do rural. O que encontraram foram maneiras diferentes de envolverem-se com a economia da fruticultura.

Como mulheres, com as migrações e as buscas de trabalho, estão na perseguição constante, e frequentemente frustrada, de livrarem-se de uma sensação de estarem presas. É ilusório procurar um incentivo masculino ou feminino inicial para as mudanças residenciais e de emprego, pois as agências se representam diferentemente e expressam a maneira pela qual as relações de gênero se manifestam na memória das pessoas. Quando a adolescente Silmara decidiu que não queria um futuro na roça fraca de Piauí, ela articulou a ajuda do convencimento da mãe, para receber a permissão do pai, para poder viajar acompanhada da prima, para ficar com uma patroa de dia, dormir na casa da irmã à noite, e arranjar, com pouco tempo, um marido. Sempre presa, sempre acompanhada, duas faces de uma mesma moeda. Todo o relato da vida dela frisa deslocamentos e destinação de horas do seu tempo para ajudar os pais, para viajar com a filha pequena, para ajudar a criar o neto. Ela é agente de uma mudança de vida, mas ela sempre cuida, ao mesmo tempo em que é vigiada.

As mulheres que passaram ou cogitaram passar por trabalho em casa de família, revelam a falta de liberdade que este trabalho implica, mesmo quando a patroa é boa. O trabalho doméstico, remunerado ou não, prende. A disposição





de “cuidar” é uma valorização moral de um papel de dedicação aos próximos e não conhece barreiras geracionais. Quando é jovem, cuida dos pais que estão envelhecendo, e, às vezes, também da casa dos outros. Quando é mais velha um pouco, e durante a vida de adulta, o desafio é cuidar de um marido, tenha ou não as qualidades desejadas nessa espécie de pessoa. Todas, mesmo as que tecem elogios a algumas qualidades dos seus maridos, contam decepções e contabilizam uma vida dificultada por ter que interromper outras coisas para cuidar ou destes maridos, ou das pessoas que eles deixaram de sustentar ao saírem da casa. Os afazeres da maternidade se atrelam ao cuidado e demonstrações de afetividade ou apego obrigatórias, e este cuidado moralmente imposto e vivido como qualidade, se estende e se amplia quando se trata de ter que cuidar de netos. Como as histórias de vida de jovens pais que trabalham da classe média que Almeida (1988) conta (e como ouvi em bairros populares – SCOTT, 2011[1990]), enquanto os homens relatam linearmente as suas experiências e trajetórias de conquistas e desafios no trabalho, as mulheres relatam o mesmo entremeado com as demandas de cuidados que os seus familiares e pessoas próximas exigiam.

Para contrabalançar as decepções provenientes da repetitividade pela qual os homens se desempregavam, entregavam-se à bebida, ao ócio, a outras mulheres e aos maus-tratos e violência, a vida regrada do trabalho aparece como uma liberdade para estas mulheres, o que conjuga muito bem com os interesses dos empresários da fruticultura irrigada.

Quando os empregadores nas fazendas oferecem um contrato, eles já sabem nomes de mulheres nas quais confiam para trabalhar. E também esperam adicionar novos nomes. As mulheres, com contratos de três a seis meses, mesmo quando se desdobram para fazer com que haja comida pronta e casa limpa antes e depois do trabalho, também criam condições de argumentar sobre a necessidade de acharem outros para cuidar da família, ou a família cuidar de si mesma enquanto elas estão trabalhando. Pelo menos no que se faz referência à sua casa, existe a possibilidade de exercer o poder de delegar tarefas de cuidado para outros, e, sobretudo, outras. Isto já é um componente da “liberdade de estar trabalhando”. A fruticultura irrigada globalizada é um mundo de trabalho cheio de regras, cálculos e horários e há hierarquização interna de acordo com as tarefas a serem realizadas, dando oportunidade para algumas ascenderem à liderança. Os produtores são forçados a obedecer regras de produção que são vigiadas por instituições de controle e qualidade que seguem padrões internacionais. Mas as mulheres ouvidas não se queixavam do trabalho como cativo, nem do excesso de regras. Muito ao contrário, falavam do seu trabalho como sendo um trabalho na “roça”, como se fosse regido, simbolicamente, pelas regras de agricultura familiar. Os horários impostos são representados como parte de um mundo de sociabilidade feminina e de apreciação da possibilidade de aumentar a renda com uma boa produção (CAVALCANTI; ANDRADE; RODRIGUES, 2012; BONNANO; CAVALCANTI, 2011; ALVES, 2006). Afinal de contas, vai durar poucos meses, pois a sazonalidade é variada⁶, e ninguém está obrigada a fazer o contrato se as suas condições em casa não são favoráveis. As regras no trabalho, conhecidas por todas, ocorrem num ambiente de flexibilidade inicial na decisão de aceitar o contrato, ou esperar outro contrato em tempos mais propícios.

Os contratos são passageiros, mas eles dão acesso a direitos e a programas que complementam a renda e mantêm as pessoas disponíveis para o trabalho, num aperfeiçoamento da complementação de salários na melhor das tradições da contribuição do estado à manutenção do “exército de reserva da força de trabalho”, que esquentou as discussões nos anos sessenta (QUIJANO; NUN, 1978), mas que continua vivo (veja NANNES; QUADROS, 2010; MONTALI; TAVARES, 2008). Estes programas oferecem uma ampliação da





base de sustento que, mesmo que indiretamente, reporta à prática que Schneider descreve como pluriatividade, e que antes era abordada como estratégias de sobrevivência (HAGUETTE, 1982; MOTTA; SCOTT, 1983), mas é importante entender que na situação de Petrolina e Juazeiro, a multiplicação de diferentes fontes de sustento vai além da dedicação a atividades de familiares em diferentes esferas da economia. Quando falta emprego não acaba a renda por inteiro. Os governos nacionais, estaduais e municipais, bem articulados com os produtores e exportadores de frutas, procuram oferecer serviços de creches, de saúde e de educação que, mesmo precários, são vistos como muito mais do que se tinha antes. Ainda tem a bolsa família (pouco mencionada pelas mulheres com quem falamos), a bolsa escola, a licença maternidade, o programa de leite, o meio salário de Chapéu da Palha (que ainda capacita para outros serviços em horas que não atrapalham outros bicos de trabalho e estudo, e pela suas regras, possibilita também a liberdade de designar outra pessoa para ser capacitada em seu lugar).

Durante uma visita ao sindicato de trabalhadores rurais, que impressiona pela estrutura física e organização administrativa, percebeu-se uma movimentação intensiva para o acordo coletivo que iria ser negociado no mesmo mês com os empregadores na presença do Ministério da Justiça. Os sindicalistas informaram que houve diversos períodos de adequação da regulamentação às exigências dos consumidores no exterior, sempre com bom assessoramento pela CODEVASF sobre essas demandas e os interesses dos produtores e consumidores. Desde antes dos anos 1980 existia muito trabalho infantil e as próprias empresas tinham mais independência de agir como queriam. Em 1994, um acordo coletivo intensificou a sensibilidade à necessidade de cumprir com a legislação sobre maior respeito aos direitos dos trabalhadores, assim reforçando a habilitação das empresas exportadoras a obedecerem às convenções internacionais e vender os seus produtos sem impedimentos. Desde então, periodicamente o acordo está renegociado, como iria acontecer semanas depois da nossa visita. O sindicato atua num misto de lutar pelas oportunidades de empregos viáveis para os trabalhadores num contexto de trabalho sazonal e também assegurar direitos e garantias, que acabam onerando o trabalho. No dia a dia, o sindicato assessora as pessoas sobre os direitos de acordo com a situação que os indivíduos estão enfrentando. Encaminham os trabalhadores para se defenderem, e informam que o documento mais difícil de conseguir é um atestado médico que reconhece adoecimento por causa de contato com os venenos usados nas terras. Segundo ele, os médicos não querem se indispor com os empresários! Em resumo, a inserção nos direitos do trabalhador é reforçada por negociações coletivas, em que os sindicatos se entendem com os patrões na obediência das regras exigidas pelo mercado consumidor. De fato, esta parte do seu trabalho é pouco visível para quem trabalha por contrato, pois, visto pelos trabalhadores, o sindicato aconselha sobre como buscar os direitos, mas o acesso aos benefícios aos quais se tem direito não é compreendido por muitos como resultado dos confrontos e negociações de acordos. O fato que contratos curtos e sazonais não asseguram os direitos plenos dos trabalhadores e poupam os empresários de alguns custos com a força de trabalho, não é tratado como danificador de direitos por eles.

Terminamos estas reflexões reconhecendo que há uma sintonia ambígua entre as demandas de flexibilidade dos empresários e as demandas de flexibilidade das mulheres migrantes que dão preferência ao trabalho na fruticultura irrigada. As empresas precisam reduzir custos de trabalho sem infringir as normas de trabalho que poderiam impedir que realizassem as suas exportações para mercados exigentes que pagam muito bem para o produto. Contratos de safra com durações variáveis associados à obediência de uma série (limitada) de direitos do trabalhador, serviços e rendas de complementação fornecidas





pelo governo, permitem que consigam o que precisam. As mulheres precisam participar numa lógica de pluriatividade, aproveitando múltiplas fontes de renda na cidade e no campo, onde maridos, filhos, filhas e elas mesmas podem encontrar atividades remuneradas, bem como rendas e qualificações que resultem de transferências do Estado para as trabalhadoras. Como cuidadoras que estão ativamente administrando as atividades e condições de vida dos seus familiares, um trabalho de contrato é menos comprometedor de que um assalariamento definitivo que poderia impedir que elas participassem mais diretamente na resolução de problemas na execução do cuidado. Quando as demandas de casa apertam (pais que precisam apoio, filhas grávidas, maridos doentes, separações, etc.), elas têm margem para decidir o que percebem como melhor. Entendem o trabalho de contrato como trabalho de roça, vivido como uma liberdade regrada, pois ele é um lugar que fornece o poder de uma renda razoável e um ambiente de trabalho árduo, mas descontraído pela companhia de outras mulheres. As regras para as condições de trabalho globalizado, mesmo dentro das limitações impostas pela flexibilidade e sazonalidade do mercado, fazem com que elas possam ter acesso a muitos benefícios e podem ocupar um lugar de destaque na sua casa sem sofrerem acusações moralizantes de terem abandonado as tarefas de cuidar dos outros. Assim, é possível entender porque as mulheres migram para a cidade de Petrolina para trabalhar no campo.

NOTAS

¹ Veja, edição 2180, 1 de setembro de 2010.

² Veja Scott, 2013, no prelo, para discussão da territorialização produzido por este discurso.

³ A pesquisa: Três Polos de Desenvolvimento e a vida sexual e reprodutiva das mulheres jovens em Pernambuco foi financiada através do EDITAL FACEPE 03/2010, Estudos e Pesquisas para Políticas Públicas Estaduais, Gravidez na Adolescência, FACEPE/SecMulher (Pesquisa APQ0149-7.03/10).

⁴ O nome das informantes foi substituído de modo a garantir o anonimato das mesmas.

⁵ CEAPE – Centro de Apoio aos Pequenos Empreendedores.

⁶ Veja Mota 2001, para situação semelhante e negociações entre trabalho temporário e permanente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Conceição Lafayette de. *Em busca da igualdade: um estudo de casais de camadas médias urbanas de Recife*. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

ALVES, S. M. R. A. *Trajetórias de vida e mobilidade dos trabalhadores do núcleo 4 do projeto Senador Nilo Coelho em Petrolina – PE*. Tese. (Doutorado em Extensão Rural). Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, 2006.

BONANNO, Alessandro; CAVALCANTI, Josefa Salette. *Globalization and the Time-Space reorganization: Capital Mobility in Agriculture and Food in the Americas*. Bingley, UK: Emerald Group Publishing Limited. 2011.

CARVALHO, Otamar de. Nordeste: a falta que o planejamento faz. In: GONÇALVES, Maria Flora, BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos. (Orgs.) *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano regional*. São Paulo: UNESP, 2003.





CAVALCANTI Josefa Salete Barbosa; ANDRADE, Berlano Bênis França de; RODRIGUES, Victor. Mulheres e trabalho na agricultura de exportação: questões Atuais. *Revista ANTHROPOLÓGICAS: Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE*. Ano 16, v. 23 (1): 2012, p. 69-92.

DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *O mito das Estratégias de Sobrevivência*. Fortaleza: UFC, 1982.

HIRATA, Helena. *A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho*. Sociologias, Porto Alegre, a. 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 24-41.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadja. *Cuidados e Cuidadoras: as várias faces do trabalho de Care*. São Paulo: Atlas, 2012.

MELO, Ligia Albuquerque de; FISCHER, Izaura Rufino. *O trabalho feminino: efeitos da modernização agrícola*. Recife: Massangana, 1996.

MONTALI, Lilia; TAVARES, Marcelo. Família, pobreza e acesso a programas de transferência de renda nas regiões metropolitanas brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos de População* (Impresso), v. 25, p. 211-231, 2008.

MOTA, Dalva Maria. Trabalho temporário no projeto de fruticultura irrigada platô de Neópolis, SE. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 113-134, maio/ago. 2001.

MOTTA, Roberto; SCOTT, Parry. *Sobrevivência e Fontes de Renda: Estratégias das Famílias de Baixa Renda*. Recife: SUDENE/Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1983.

NANNES, Giselle; QUADROS, Marion Teodósio de. *Programa “Bolsa Família”*: Repercusiones de políticas de transferência de ingresos em las relaciones de género em famílias de clases populares. Buenos Aires: VII Reunión de Antropología del Mercosur, 2010.

PEREIRA, Mônica Aparecida; CARMO, Roberto Luiz do. *Da agricultura de sequeiro à fruticultura irrigada: condicionantes associados ao dinamismo regional no contexto de Petrolina – PE e Juazeiro – BA*. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambú-MG, 2010.

QUIJANO, Anibal; NUN, José. *Populações Marginais*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

SCHNEIDER, Sérgio. *A pluriatividade na agricultura familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SCOTT, Parry. *Projetos de desenvolvimento no Rio São Francisco: administrando vocações e desigualdades*, CAMPO, n. 2, UFRN (no prelo) 2013.

_____. O homem na matrifocalidade: Gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. In: SCOTT, Parry. *Famílias Brasileiras: Poderes, Desigualdades, Solidariedades*. Série Família e Gênero, n. 14, Recife: EDUFPE, 2011 [original 1990].

SIGAUD, Ligia Maria. *Efeitos Sociais de Grandes Projetos Hidrelétricos: as Barragens de Sobradinho e Machadinho*. Comunicação do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 1986, v. 9, 1-116.

PERIÓDICOS NA INTERNET

CAVALCANTI, J. S. B.; SILVA, A. C. B. Globalização, Estratégias Produtivas e o Trabalho de Homens e Mulheres na Fruticultura de Exportação: o Caso do Vale do São Francisco. In: CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. *Globalização, trabalho, meio ambiente: Mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação*. Buenos Aires: CLACSO, 2004. Disponível em: <biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/brasil/nabuco/glob.doc>. Acesso em: 10 fev. 2013.

045

vivência43
REVISTA DE ANTROPOLOGIA





PEREIRA, Mônica Aparecida Tomé. *A migração e o mercado de trabalho nos subespaços dinâmicos no nordeste brasileiro: quem são os que buscam o interior do nordeste para trabalhar?*, XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, UFBA, 07 a 10 de agosto de 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308356733_ARQUIVO_trabalho-MonicaAparecidaTomePereira.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2014.

SILVEIRA NETO, Raul da Mota; ALBUQUERQUE LINS, Ana Cecilia. *Determinantes do crescimento das cidades pernambucanas: Uma análise do período 2000-2010*, PIMES/UFPE, 2011. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/eventos/forumbnb2011/docs/2011_determinantes_crescimento.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2014.

